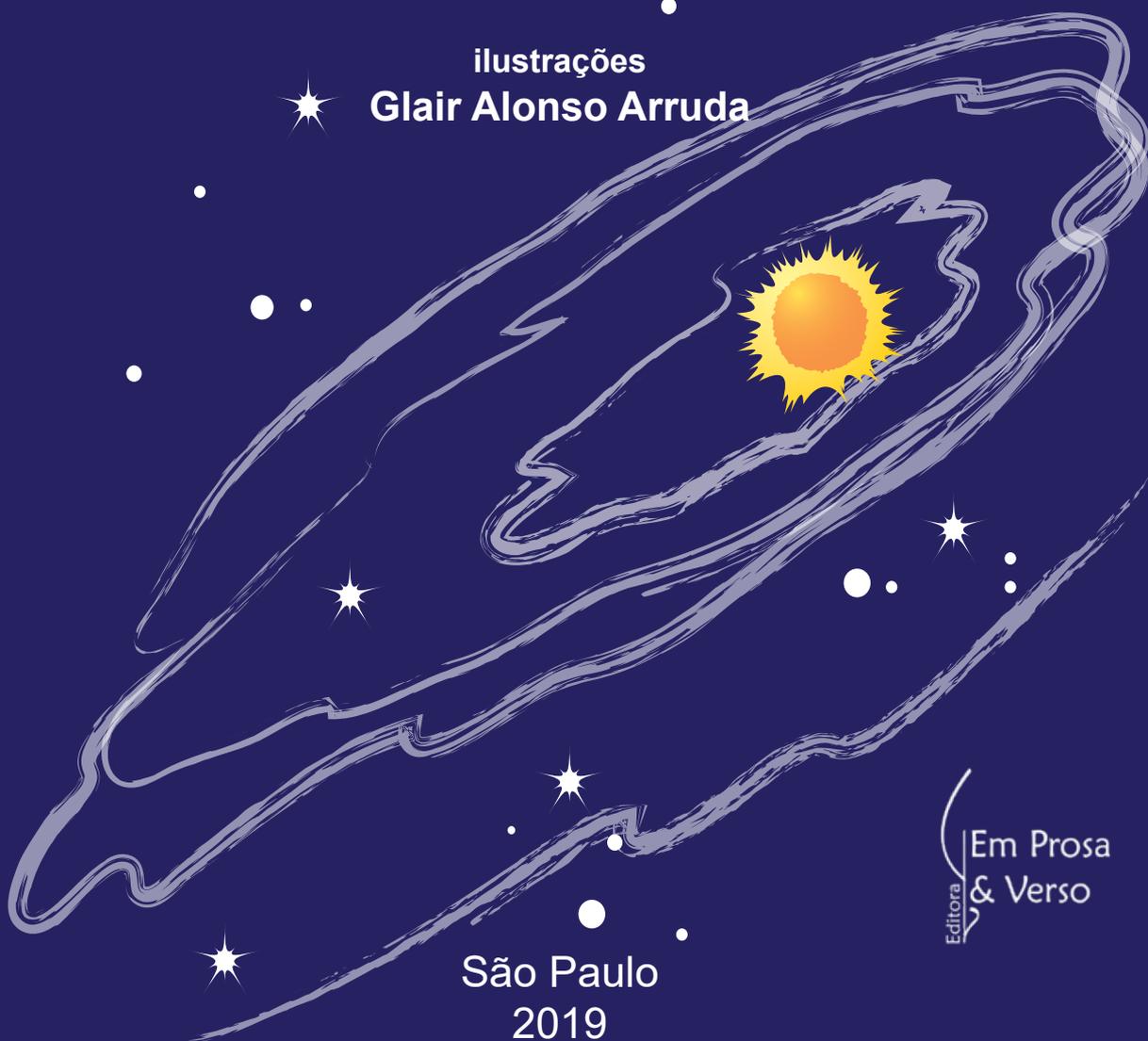


A bolinha de terra e a NAVE-PUM

Silas Marques de Lima

ilustrações
Glair Alonso Arruda



São Paulo
2019
3ª edição

Editora
Em Prosa
& Verso

Copyright ©2014
Silas Marques de Lima

Coordenação Editorial
Regiane Cristina Marcolino

Revisão
Mariana Braga
Marta Romero

Projeto gráfico e diagramação
Grace Arruda

Capa e ilustrações
Glair Alonso Arruda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Brenda de Oliveira Ordonho Sígolo CRB/8 8229

L732b

Lima, Silas Marques de

A bolinha de terra e a Nave-pum / Silas
Marques de Lima; ilustrações Glair
Alonso Arruda – 3ª ed. – Editora Em Prosa
& Verso – São Paulo, SP, 2019.

24 p.: il.; 21 X 28cm

ISBN 978-85-65786-05-8

I. Literatura infantojuvenil II. Arruda, Glair
Alonso. III. Título.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil

Reservados todos os direitos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Editora Em Prosa & Verso Eireli

Rua Padre Machado, 844 – 2º andar – São Paulo – SP
CEP 04127 001

Tel. (11) 3695-1158

atendimento@emprosaeverso.com.br

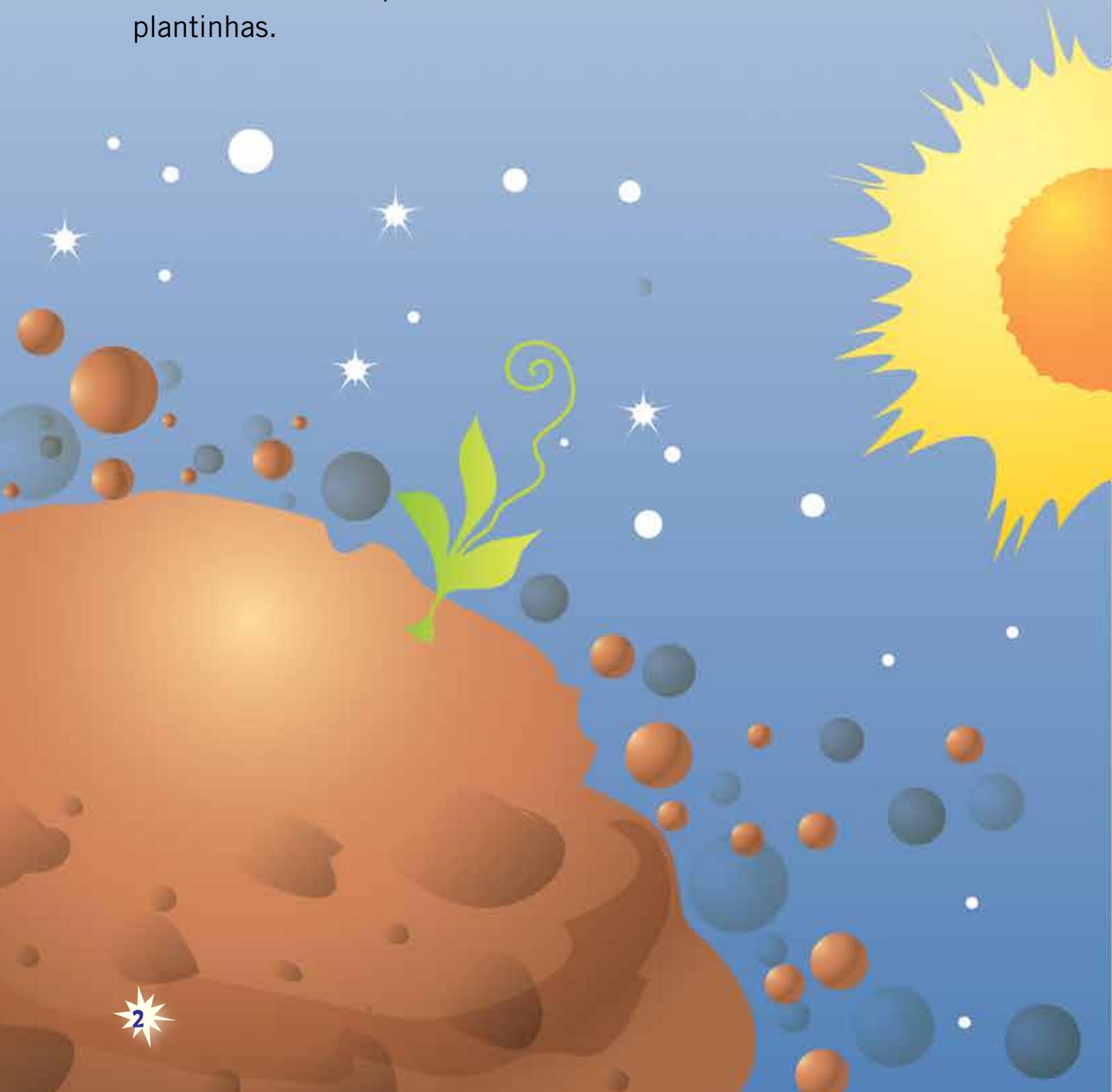
www.emprosaeverso.com.br

Um dia, uma bolinha de terra se formou no espaço.
Ela girava e girava, recebendo a luz de um pequeno sol.
Ela cruzava o vazio, solitária, muito distante de tudo.
Nenhum ruído se ouvia nela, nada mudava de lugar.



Foi então que uma plantinha brotou do chão da bolinha, se esticou e se inclinou para o sol para receber seus raios. Já havia muitas iguais a ela.

Não demorou para a bolinha de terra ficar verde de tantas plantinhas.



Até que uma noite um par de olhos misteriosos brilhou, escondido na vegetação. Quando o dia chegou, ele revelou o que era: um pequeno e estranho animal.

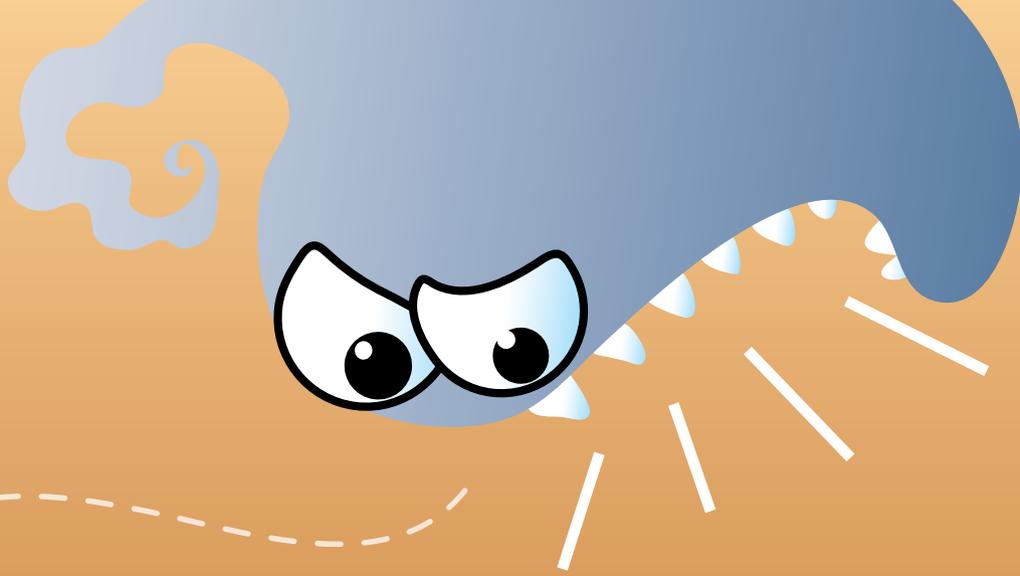


O animalzinho não parava. Pulava, corria, fazia barulhos que nunca haviam soado na bolinha de terra. Fuçava nas plantas, comia um pouco, mas não precisava de muito. E algumas sementes ficavam na sua barriga. Depois ia passear do outro lado da bolinha de terra e fazia cocô. E as sementes, caindo no chão, germinavam e cresciam.



Após algum tempo, mais animaizinhos apareceram, diferentes, coloridos, saltadores, voadores, nadadores, sorrateiros. A bolinha de terra começou a ficar tão cheia de bichos que quase não havia mais lugar. E as plantinhas não eram suficientes para servir de comida para todo mundo. Foi então que na bolinha surgiu um tipo diferente de animal: os caçadores!





Sim! Bichos que caçavam bichos. Ai, que medo!
Os animais caçados corriam desesperados para não serem comidos. Às vezes escapavam; às vezes, não. Como alguns eram comidos, já não havia tantos bichinhos, e as plantinhas conseguiam tempo para crescer.



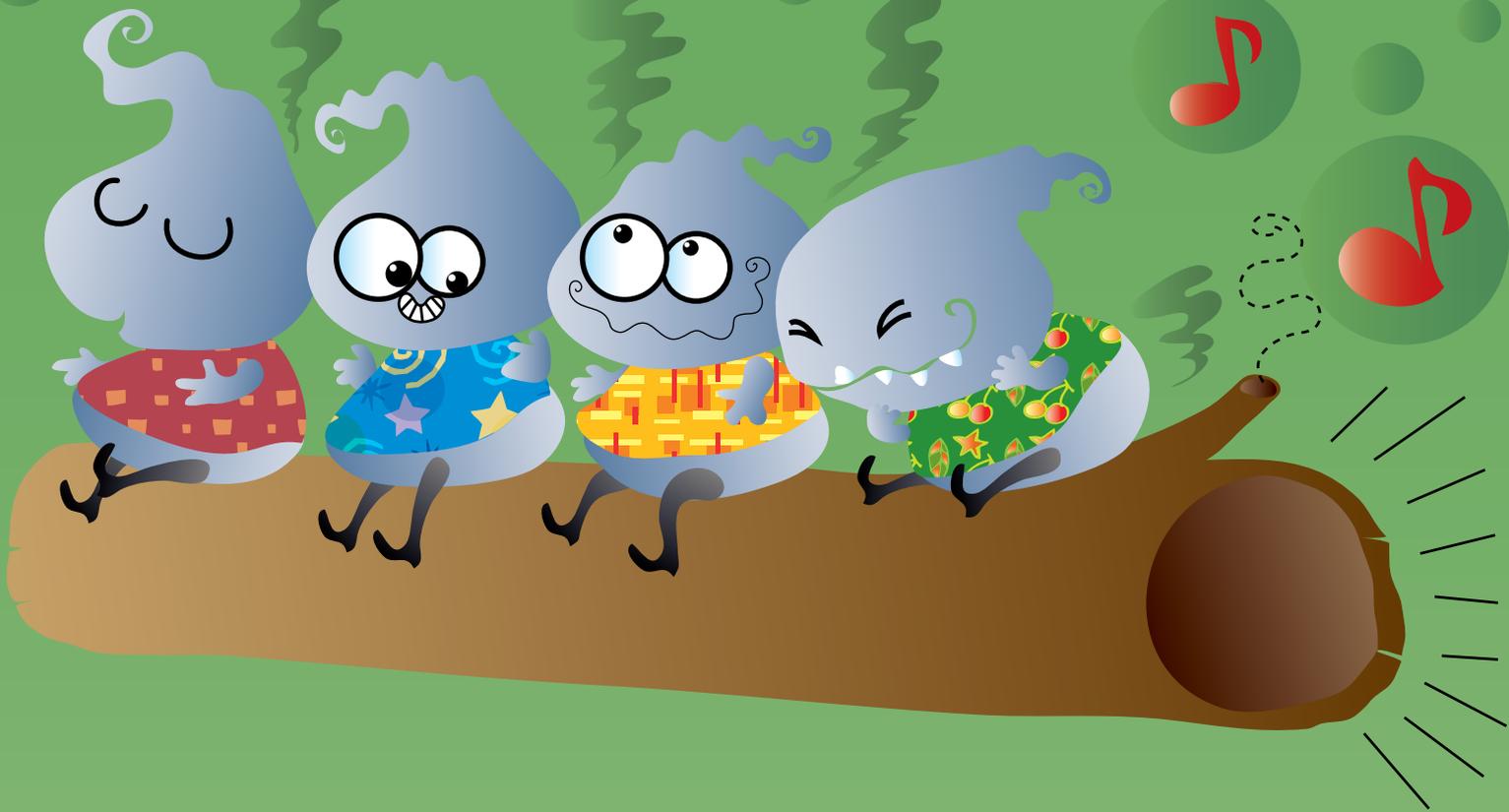


Não faltava mais alimento para os bichos que comiam plantas.
E nem para os que comiam outros animais.

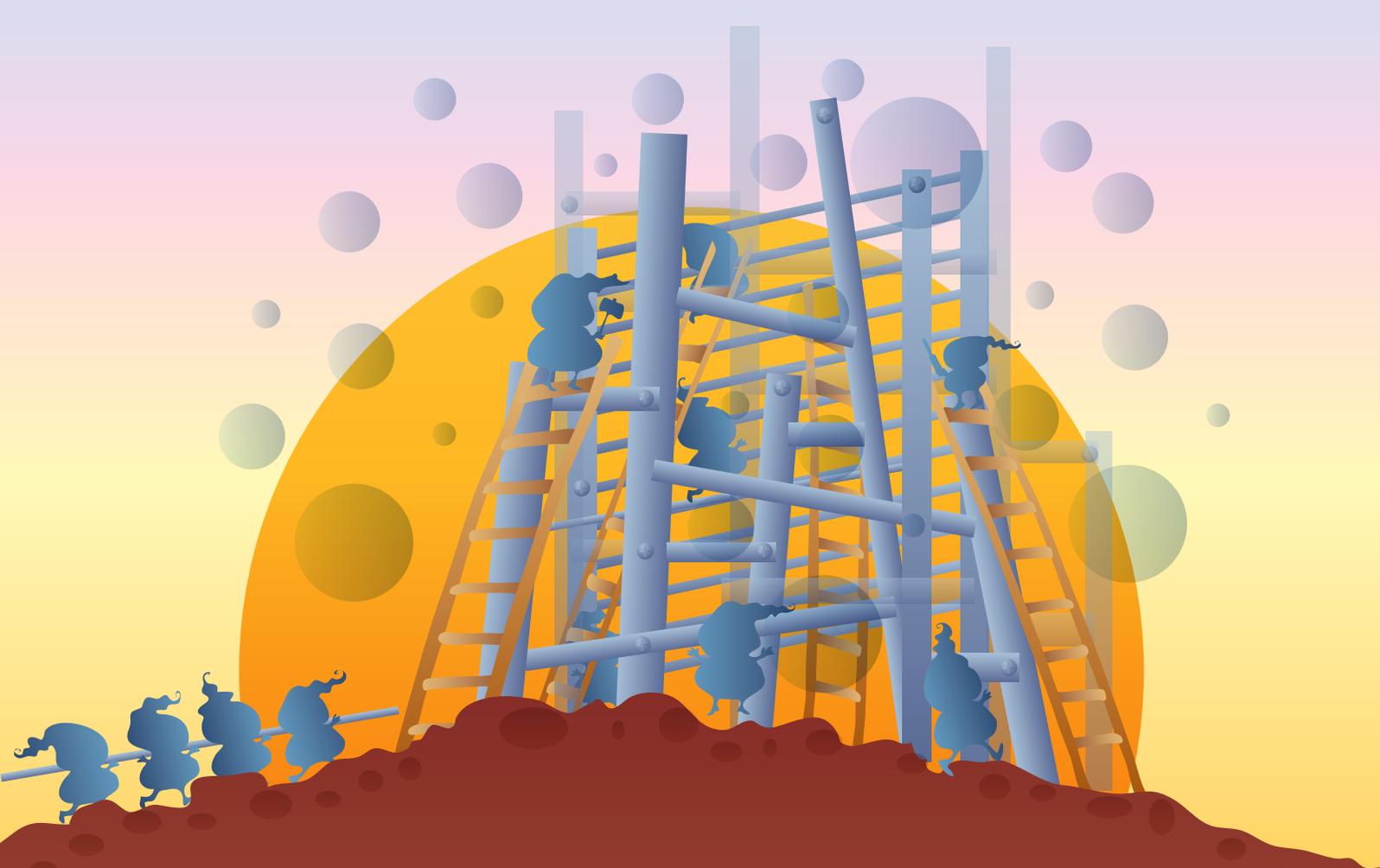


Assim, plantas e animais conseguiram coexistir mais ou menos pacificamente. Até que, um dia, um dos bichos caçadores se sentou no tronco de uma planta e... soltou um pum — imagine! — que entrou por um buraco na casca e saiu fazendo um barulhinho musical.

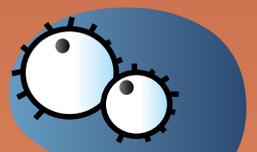




O bicho gostou do sonzinho. Fez mais buracos na casca e chamou seus amigos para se sentarem. Então, soltando puns em sequência, fizeram a primeira música da bolinha de terra e ficaram felizes.

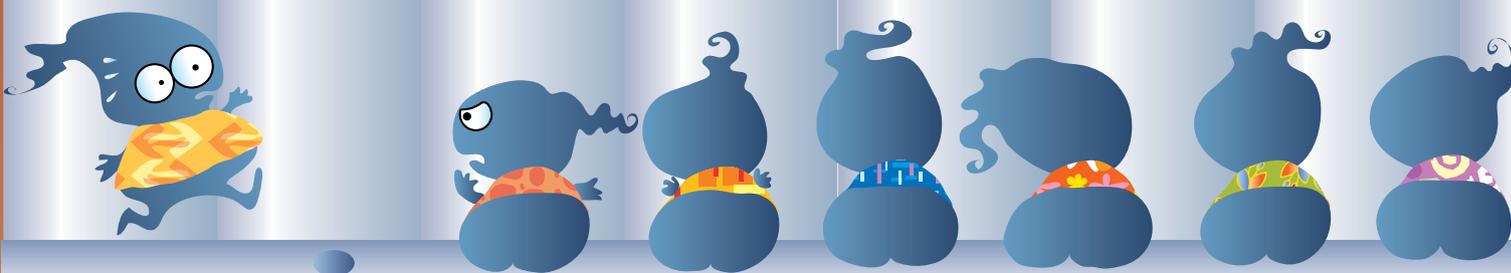


Logo os Bons, que era como aqueles animais orgulhosos chamavam a si mesmos, começaram um grande projeto para criar uma máquina de conversão de puns na caótica confusão de sons que chamavam de música. Começaram a arrancar plantas de amplas áreas, a expulsar os outros bichos, a cortar troncos e a montá-los em grandes e complexas estruturas.





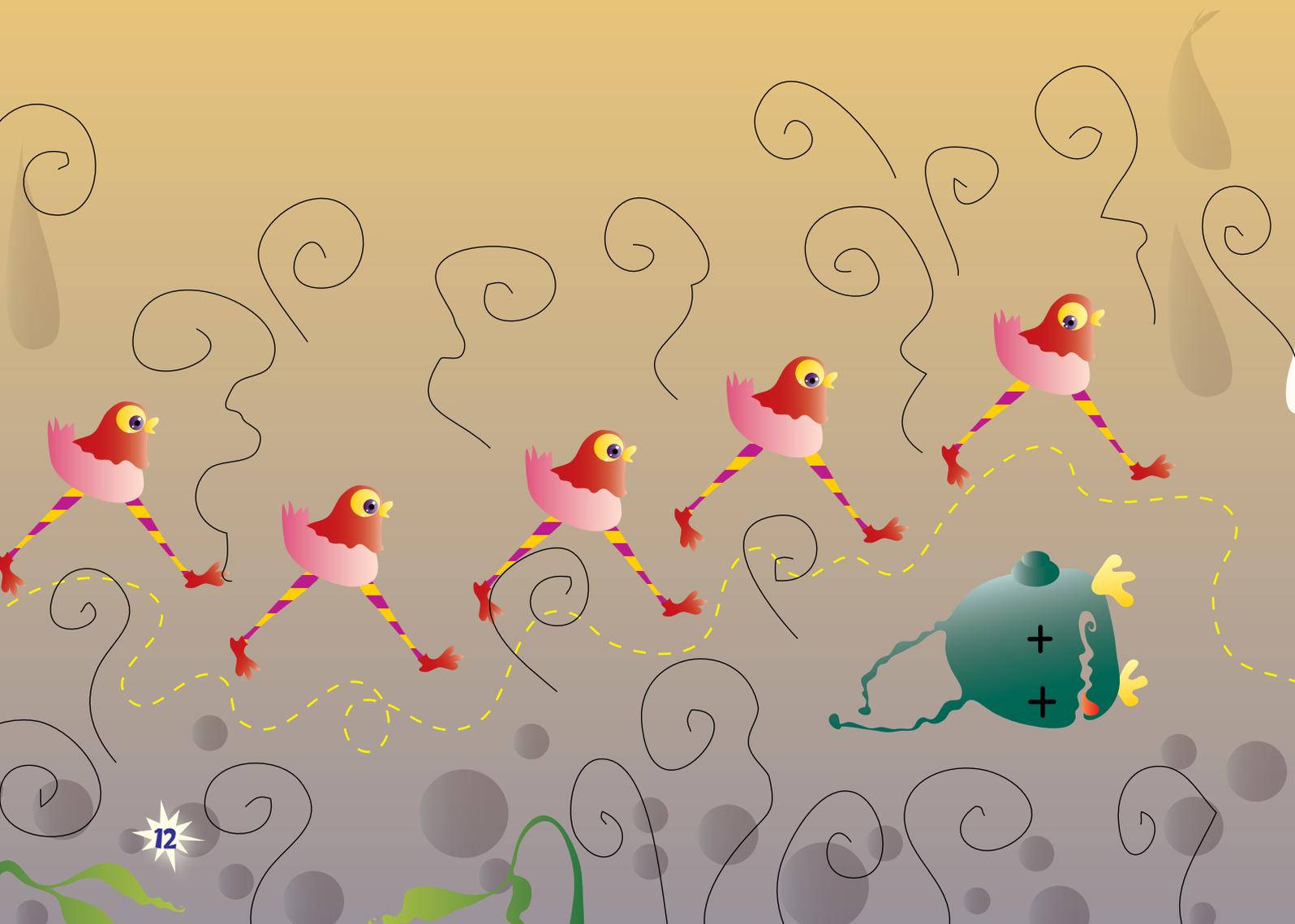
Os sons, dissonantes pela maneira como eram gerados, tornaram-se cada vez mais complicados e soavam horríveis para os outros animaizinhos. Mas os Bons interpretavam isso como sinal de ignorância. Assim, a bolinha de terra tremia com a vibração dos puns dos Bons.



Os Bons, na sua ânsia para construir a máquina, acabavam estragando a bolinha de terra em sua busca por mais e mais plantas.

Por causa disso, as plantinhas começaram a desaparecer de alguns lugares, assim como outros bichos perseguidos pelos Bons. Eles desapareceram da bolinha e nunca mais foram vistos.

A bolinha, que era tão viva, parecia estar doente.



Um dia, alguns Bons perceberam que eles não eram tão bons assim e que a bolinha estava sofrendo. As plantas estavam morrendo, os animais estavam sumindo.

Então começaram a gritar:

— Parem de fazer máquinas!

Mas os outros Bons riram deles, disseram que eram ignorantes e os apelidaram de Ruins. Assim nasceu o movimento dos Ruins, que eram bons, contra a destruição que estava sendo feita pelos Bons, que não eram tão bons assim.



Os Ruins se organizaram e fizeram manifestações contra as máquinas de conversão de puns, mas foram ignorados. A situação da bolinha ficou muito difícil. As misturas para ampliar os puns dos Bons fizeram com que os gases aumentassem tanto que quase não se podia respirar direito. Muitas áreas da bolinha se tornaram desertas. A água estava quase acabando.



Os Bons continuavam com sua loucura. E o tempo foi passando. Criaram assembleias e elegeram um líder, que chamaram de Ancião. O mesmo que se sentou no tronco e fez aquele som pela primeira vez. O som que se tornou tão importante para eles.

Então o Ancião dos Bons, que não eram tão bons assim, olhou para o céu, pensou bem e resolveu se apresentar na Assembleia dos Bons, uma reunião que faziam sempre para se elogiarem mutuamente. O Ancião pediu silêncio e disse:

— Bons! Pensei sobre a nossa atual situação. Não restaram plantas ou animais suficientes para podermos nos desenvolver ainda mais. A saída é ir para as estrelas. Vamos alterar nossa máquina, de modo que possamos viajar pelo céu e ir para uma bolinha maior!

Os Bons ficaram alucinados pela ideia. Pularam de alegria. Só podia ter sido uma ideia de seu líder, o Bom que mudou suas vidas.

